



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FERNANDA LEITE MEIRA LIMA

**USOS DA POESIA E RECORTES DE JORNAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: O
QUE DIZ A POESIA MARGINAL DE MIRÓ DA MURIBECA?**

RECIFE

2025

FERNANDA LEITE MEIRA LIMA

**USOS DA POESIA E RECORTES DE JORNAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: O QUE
DIZ A POESIA MARGINAL DE MIRÓ DA MURIBECA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em História da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador(a): Prof. Dr. André Mendes Salles

RECIFE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Fernanda Leite Meira.

Usos da poesia e recortes de jornais no Ensino de História: o que diz a poesia marginal de Miró da Muribeca? / Fernanda Leite Meira Lima. - Recife, 2025.
32 : il.

Orientador(a): André Mendes Salles

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura, 2025.

Inclui referências, anexos.

1. Miró da Muribeca. 2. Recife. 3. Jornais. 4. Ensino de História. I. Salles, André Mendes . (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

FERNANDA LEITE MEIRA LIMA

**USOS DA POESIA E RECORTES DE JORNAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: O
QUE DIZ A POESIA MARGINAL DE MIRÓ DA MURIBECA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em História da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovado em: 06/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. André Mendes Salles (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Márcio André Martins de Moraes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ma. Roberta Duarte da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

“De tudo que vi meu pai bem-querer na vida, talvez fosse a escrita e a leitura dos filhos o que perseguiu com mais afinco”, foi o que Itamar Vieira Júnior disse em *Torto Arado*, um dos meus romances preferidos. Nos meus 22 anos de vida, tudo o que tenho visto é um esforço descomunal do meu pai — de quem eu herdei o nome e com quem dizem que tanto pareço —, para proporcionar o melhor em todas as áreas da minha vida.

Investiu na minha educação, me matriculou na melhor escola que pôde e nunca me deixou faltar livros, cadernos, canetas, lápis e, acima de tudo, amor. Nada disso foi fácil, e ainda não é. Mas para o meu pai, nunca foi uma escolha difícil ter de priorizar a si mesmo ou os filhos, e é por isso que, ainda hoje, mesmo aos seus 70 anos e os problemas de saúde que já não são mais irrelevantes, levanta-se, todos os dias, às duas horas da manhã e veste a farda da empresa onde trabalha como motorista de ônibus há quase 30 anos.

Ao meu pai, que devido ao trabalho quase nunca pôde estar presente nos meus eventos escolares, mas que se fez e sempre estará presente em minha vida (e além dessa vida), minha imensa e infinita gratidão. Obrigada por ontem, por hoje e por sempre. Cada conquista que nesta vida eu tiver, devo a ele, que atrás do volante, me ensinou a ser gentil, humilde e dedicada. Me ensinou a ser gente.

A minha mãe, meu maior exemplo de força e coragem. Àquela que embora não tenha tido metade das oportunidades que eu tive, sempre fez o possível para que eu pudesse aproveitar todas as que se abriram para mim. Obrigada por tantos esforços diários, por cada palavra de incentivo e pelas incontáveis vezes em que você chorou o meu choro, sorriu o meu sorriso e se manteve ao meu lado, sempre. Obrigada por ser o meu porto-seguro.

Ao meu irmão e maior incentivador, Fabio, com quem posso contar em qualquer situação, pelas inúmeras vezes em que o seu apoio e companheirismo não me fizeram desistir dos meus sonhos. Por fazer dos meus os seus sonhos, por cuidar tão bem de mim e pelo exemplo de caráter e lealdade que traz em sua essência.

A minha irmã, Fabiana, com quem divido muitos filmes, séries e, principalmente, músicas que também sempre passam a ser as suas preferidas, obrigada por me escutar nas infinitas vezes em que precisei de alguém para partilhar os inesgotáveis assuntos da graduação.

Ao meu namorado e melhor amigo, Pedro Henrique, que apesar de fazer parte de um universo acadêmico totalmente diferente, sempre me apoiou de diferentes formas. Por todas

as vezes que me levou e me buscou na universidade, por todos os milk-shakes que tomamos na volta para a casa e por fazer dos meus dias mais felizes.

À minha família, de maneira geral, e especialmente à minha tia Nuquinha, por materializar tão bem o significado dessa palavra.

A Nena, que me carregou no colo quando ninguém mais me fazia parar de chorar. Por todo gesto e palavra de incentivo, por sempre ser a primeira a me desejar feliz dia dos professores e por ver, em mim, a realização do seu sonho.

Ao meu orientador, André Salles, pela orientação dedicada e pela escuta acolhedora desde a primeira reunião. Sem o seu apoio e incentivo nada disso seria possível.

Ao meu grande professor de História, Bruno Moura, que no ensino médio me inspirou a seguir esse caminho.

A Elida Nathalia, carinhosamente Nati, que foi a minha fada madrinha da graduação e, sem dúvidas, uma grande inspiração.

A Márcio André, meu supervisor no Pibid e nos estágios, que marcou a minha vida acadêmica e mostrou o que há de mais humano na docência. Obrigada por ter me recebido tão bem todas as vezes que precisei.

Aos professores da UFPE com quem tive o privilégio de aprender, dentre eles Bruno Kawai e George Cabral, que me orientaram em monitorias, Roberta Duarte, Allan Alves e Israel Ozanam, que embora tenha chegado na reta final do curso, marcou positivamente a minha história.

Àqueles que escreveu Guimarães Rosa, quando disse que é com eles que gostamos de conversar, “do igual o igual”. Aos meus amigos Alex, Elisa, Jéssica e Wesley, com os quais guardo memórias inesquecíveis.

A tia Shirley, por ter me acolhido como filha e ter me proporcionado momentos incríveis. Serei eternamente grata por tudo o que fez por mim.

Finalmente, àqueles com quem compartilhei de perto as alegrias e frustrações, os projetos, avaliações e os surtos acadêmicos: meus amigos da graduação, que, cada um à sua maneira, provaram que é possível estabelecer vínculos profundos e saudáveis no ambiente acadêmico. Em especial, Davi Monteiro, Luísa Bueno, Thammyres Dantas, Gabriel Camilo, Gabrielly da Penha e Maria Eduarda.

A Davi, que desde o primeiro encontro presencial, no corredor do Niate, não se separou de mim, seria impossível não dedicar mais algumas linhas. Dividimos os ônibus lotados e os que quebraram no meio do caminho, os congestionamentos diários na BR e tantos outros perrengues, mas também partilhamos muitos momentos em que a nossa amizade nos

mantive fortes para enfrentar qualquer desafio, tipo quando te convenci a pagar uma eletiva que nem mesmo você tinha interesse e você não só topou, mas ainda mudou de rota para se encontrar comigo na integração. Amigo, que bom que nossos caminhos se cruzaram, sou grata pelo que vivi e aprendi com você.

A Luísa, minha dupla inseparável, com quem dividi mais que textos, apresentações e (muitos) estágios, houve momentos onde um simples olhar era capaz de traduzir o que estávamos pensando. Pelo bom humor, companheirismo e empatia de sempre. Por todas as vezes que nos comunicamos em Libras, por todos os códigos que criamos e por todas as situações mais aleatórias possíveis que sempre aconteciam nos corredores do CE. Obrigada por ter ficado ao meu lado nessa jornada.

E, por último, aos meus amigos de quatro patas, meus “filhos bicológicos” Bruce e Chantilly, que sequer precisam pronunciar alguma palavra para me fazerem bem. Agradeço especialmente a Bruce por nunca ter comido nenhum trabalho, livro ou texto impresso, tendo em vista o vasto histórico de sandálias perdidas.

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto” Isaías 41:20.

RESUMO

O presente artigo visa explorar as potencialidades da poesia marginal de Miró da Muribeca como fonte histórica no Ensino de História tomando como base a obra *Quem descobriu o azul anil?* (1985). À luz do cenário educacional brasileiro e seus documentos norteadores, como a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo do estado de Pernambuco, busca-se compreender como o gênero literário poesia, enquanto fonte não tradicional, pode contribuir para a construção do conhecimento histórico dentro e fora da sala de aula. A pesquisa ancora-se nos fundamentos da Didática da História para analisar como o discurso poético de Miró articula memórias, críticas sociais e representações do Recife entre 1980 e 1985. Tomando como referencial essa mesma temporalidade, são estabelecidos diálogos entre os poemas e recortes dos jornais *Diário de Pernambuco* e *Diário da Manhã*, evidenciando, a partir do cruzamento entre esses diferentes tipos de fontes, múltiplas camadas de sentido sobre a cidade, a marginalidade e as vozes silenciadas da história.

Palavras-chave: Miró da Muribeca; Recife; Jornais; Ensino de História.

ABSTRACT

The aim of this article is to explore the potential of Miró da Muribeca's marginal poetry as a historical source for teaching history, based on his work *Who discovered indigo blue?* (1985). In the light of the Brazilian educational scenario and its guiding documents, such as the National Common Core Curriculum and the Curriculum of the state of Pernambuco, the aim is to understand how the literary genre of poetry, as a non-traditional source, can contribute to the construction of historical knowledge inside and outside the classroom. The research is based on the foundations of history didactics to analyze how Miró's poetic discourse articulates memories, social criticism and representations of Recife between 1980 and 1985. Taking this same temporality as a reference point, dialogues are established between the poems and clippings from the newspapers *Diário de Pernambuco* and *Diário da Manhã*, highlighting, by crossing these different types of sources, multiple layers of meaning about the city, marginality and the silenced voices of history.

Keywords: Miró da Muribeca; Recife; Newspapers; History Teaching.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. A POESIA COMO FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA..... | 12 |
| 3. DIDÁTICA DA HISTÓRIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: UM OLHAR SOBRE A POESIA DE MIRÓ..... | 16 |
| 4. FRAGMENTOS URBANOS DO RECIFE ENTRE AS LINHAS DO POETA E AS MANCHETES DE JORNAIS (1980-1985)..... | 19 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |
| 6. REFERÊNCIAS..... | 29 |
| Fontes..... | 29 |
| Bibliografia..... | 29 |

1. INTRODUÇÃO

Lá vai Recife / em mais um fim de tarde / as águas do Capibaribe cor de sangue / nos ombros dos negros / que moram nos Coelhos / unhas na lama e a classe média / comendo ostras / de frente ao Acaiaca (Miró da Muribeca)

Saído da periferia da cidade do Recife e consagrado na poesia com o codinome Miró da Muribeca, João Flávio Cordeiro da Silva, que carrega no seu pseudônimo o nome do bairro onde passou grande parte da vida, nasceu em 6 de agosto de 1960. Amante do futebol e torcedor do Sport Club do Recife, sonhava em ser jogador profissional. Apesar de ser rubro-negro, parte de seu apelido teve origem no time rival: passou a ser chamado de Miró após ter imitado uma jogada de Mirobaldo, jogador do Santa Cruz Futebol Clube na década de 70 (Mota, 2022, p.1).

Na década de 80, no entanto, conhece a poesia e estreia neste universo com a publicação, de forma independente, do livro *Quem descobriu o azul anil?*, em 1985, cujas linhas são dedicadas ao cotidiano vivenciado pelo poeta nas ruas do Recife. No início de sua carreira artística, Miró preferia ser intitulado como cronista urbano. O rótulo de poeta marginal é abraçado por Miró quando ele entende a poesia marginal como uma expressão social e de denúncia — sobretudo por estar inserida em um cenário ditatorial — que se vende às margens das editoras e das livrarias, resistindo com fanzines e com o “boca a boca” nas ruas.

Através de uma poesia performática onde voz, corpo e cidade são indissociáveis, Miró manifestava os dramas vivenciados pela população periférica de uma das capitais mais desiguais do país. Ébrios, prostitutas, pivetes e trombadinhas: delator de abismos sociais, o poeta pernambucano mostra os encantos e, sobretudo, os desencantos da cidade do Recife a partir da perspectiva de um homem preto, pobre e periférico. Para a História e, sobretudo, para o Ensino de História, a poesia marginal de Miró da Muribeca é carregada de sentidos que corroboram para o desenvolvimento do pensamento histórico.

Tendo isso em vista, a presente pesquisa busca pensar o que há de História — e como ela é produzida — na poesia marginal de Miró, mais especificamente a partir da obra *Quem descobriu o azul anil?*, de 1985, levando em consideração que o conhecimento histórico está para além da sala de aula e permeia diferentes espaços; e, além disso, investigar de que forma a poesia de Miró e os recortes de jornais de mesma temporalidade (1980-1985), em

perspectiva dialógica, podem ser considerados como fontes históricas e recursos pedagógicos para o ensino de História.

De maneira mais específica, a presente pesquisa anseia traçar como fontes históricas não tradicionais, sobretudo o gênero literário poesia, são inseridas no Ensino de História. Nesse sentido, é feita uma reflexão à luz de documentos norteadores da Educação Básica, como a Base Nacional Comum Curricular. Além disso, busca-se ainda analisar, a partir do prisma da Didática da História, as poesias de Miró como lugar de produção do conhecimento histórico. Por fim, cabe estabelecer relações entre recortes de jornais que retratam o Recife da década de 1980-1985 e algumas poesias de Miró, sendo elas “Clara solidão”, “Rua da Palma” e “Quatro horas e um minuto”.

Para examinar essas fontes, o estudo segue uma abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa bibliográfica e documental. A interpretação dos textos é conduzida por meio da Análise de Conteúdo conforme Bardin (1977), método que organiza e categoriza dados textuais para revelar significados explícitos e implícitos. A partir dessa perspectiva, procura-se compreender de que maneira Miró retratava a cidade em sua obra e como essa visão se relaciona com as narrativas veiculadas pela imprensa.

A escolha de tomar como *corpus* a obra de Miró foi, antes de tudo, fruto de uma admiração pessoal cultivada desde que conheci sua vida e obra em 2018, ainda quando estava no Ensino Médio, e debruçar-se em sua primeira obra publicada teve como principal motivo a total dedicação das linhas do poeta à cidade do Recife, a partir das quais, denunciava o cotidiano de maneira crua.

Polissêmica por essência, a poesia tem o poder de ampliar os horizontes do fazer docente — muitas vezes circunscrito ao livro didático e à “história oficial” — e possibilitar a construção de uma história de muitas veredas. Nesse prisma, a poesia marginal do pernambucano João Flávio Cordeiro da Silva, vulgo Miró da Muribeca, mais do que pertinente, se faz essencial não só no que diz respeito à construção do conhecimento histórico em sala de aula, mas também para se refletir acerca da produção desses saberes, expressões da cultura e da consciência histórica fora do ambiente científico e acadêmico.

Nesse sentido, para além de possibilitar o trabalho direto com a fonte, o diálogo entre diferentes disciplinas e o questionamento das histórias tradicionais, os traços de historicidade presentes nas linhas de Miró, denotam como ele, historicamente, fazia uma leitura de mundo; sobretudo, do Recife. Por isso, ler e analisar a sua poesia em paralelo com recortes de jornais é extremamente relevante para enriquecer a compreensão do Recife da década de 80 e de seu contexto sócio histórico-cultural.

Cabe ainda ressaltar que esta pesquisa busca também inspirar historiadores docentes a explorar novas veredas no ensino de História, fortalecendo o debate acerca da relevância do uso de fontes que, embora não convencionalmente exploradas nas aulas de história da Educação Básica, colaboram para a formação de estudantes críticos e conscientes das diversas vozes que compõem a memória coletiva e a nossa história.

2. A POESIA COMO FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ao longo do tempo, o conceito de fonte histórica passou por importantes transformações: se, ainda no século XIX, o documento escrito e oficial era privilegiado pela historiografia, com a revolução documental dos Annales, no início do século XX, o abandono da noção do documento enquanto única fonte plausível e espaço mesmo da verdade culminou em mudanças significativas no campo da historiografia e, consecutivamente, no Ensino de História, sobretudo ao introduzir novos objetos de estudos e fontes históricas, cuja utilização em sala de aula se justifica pela possibilidade de oferecer contribuições para o desenvolvimento do pensamento histórico. Diante disso, a presente seção tem como objetivo refletir acerca do emprego de fontes históricas não tradicionais, sobretudo a poesia, no ensino de História.

No cenário educacional brasileiro, a obrigatoriedade da História enquanto disciplina escolar surgiu na primeira metade do século XIX, com a criação do Colégio Pedro II, em 1837. Nesse primeiro momento pós-independência, a disciplina assumia um papel crucial para o Império: a criação de uma “história nacional” que contribuísse com a formação de uma identidade nacional e patriótica. A partir de pressupostos eurocêntricos, no entanto, foi escrita a primeira versão da história do Brasil, pelo naturalista alemão Carl Von Von Martius, financiado pelo império e respaldado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), órgão responsável também pela orientação do conteúdo a ser ensinado nas escolas públicas.

Por conseguinte, o ensino de História no país seguia uma lógica linear e positivista que reproduzia e reforçava narrativas eurocêtricas e supervalorizava o Estado como principal agente da história nacional. Sendo vista como uma narrativa impessoal e uma verdade imutável, àqueles que não participavam do processo de escrita e construção da História, eram postos como meros e passivos “consumidores”. Com o advento da República, o ensino de História assumiu uma postura estratégica de denúncia: eram evidenciados os atrasos da

monarquia. Por outro lado, o ideal republicano de levar o país ao progresso culminou na construção dos conhecidos “mitos da História Brasileira”, como Tiradentes e Borba Gato.

No atual cenário, após significativas mudanças na historiografia e nos próprios currículos escolares, houve um redesenho do ensino de História, agora marcado pelo crescente rompimento com a escola tradicional, voltada para um ensino baseado na ordenação mecânica dos fatos em causas e consequências, na cronologia linear e eurocêntrica dos conteúdos e num recorte de raça e gênero que privilegiava os feitos de homens brancos. Para a corrente da Educação Histórica, o ensino e aprendizagem em História é um processo que vai além da ministração de conteúdos, devendo oportunizar a visão do passado enquanto uma construção pautada em múltiplas perspectivas. Além disso, como apontado por Isabel Barca, “os objetivos do ensino da História podem e devem constituir uma ponte gradual, e não um fosso entre o que os alunos aprendem e o que os historiadores e filósofos da História pensam e produzem” (Barca, 2012, p.38). Nesse prisma, se antes o contato direto com a fonte era exclusividade do ofício do historiador, hoje, historiadores-docentes, através de diferentes metodologias, levam fontes históricas para as salas de aula da educação básica.

Acerca do uso didático dessas diferentes fontes, vale ressaltar o que Circe Bittencourt (2018), pontua:

Um documento pode ser usado simplesmente como ilustração, para servir como instrumento de reforço de uma ideia expressa na aula pelo professor ou pelo texto do livro didático. Pode também servir como fonte de informação, explicitando uma situação histórica, reforçando a ação de determinados sujeitos etc., ou pode servir ainda para introduzir o tema de estudo, assumindo neste caso a condição de *situação-problema*, para que o aluno identifique o objeto de estudo ou o tema histórico a ser pesquisado (Bittencourt, 2018, p.267).

As diferentes utilizações das fontes em sala de aula, portanto, para além de aproximar o saber-fazer-historiográfico dos estudantes, visa, sobretudo, o desenvolvimento da criticidade e o engajamento desses discentes a partir de uma aula mais interativa. Vale ressaltar, porém, que a escolha desses materiais deve ser extremamente cuidadosa, uma vez que, no universo escolar, crianças e jovens geralmente não dominam o contexto em que o documento foi produzido, por exemplo. Além disso, como alerta Bittencourt (2018), não deve ser a intenção do professor transformar seu aluno em um “pequeno historiador”.

Ainda em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais – que serviram de inspiração para a BNCC –, definem, para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - na época, 5º a 8º série - dentre outros, dois importantes objetivos para esta etapa de ensino:

Utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; (Brasil, 1998, p. 7-8)

Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (Brasil, 1998, p.8)

Embora tais objetivos sejam pensados para todas as áreas e disciplinas, para a História, especificamente, se fazem essenciais. A necessidade de utilizar diferentes linguagens como meio para expressão, comunicação e interpretação, evidenciada no primeiro objetivo, dialoga diretamente com a possibilidade de se utilizar diferentes fontes históricas - como a poesia - em sala de aula, inclusive, a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Ademais, questionar a realidade a partir de um pensamento crítico criativo, apesar de ser posto como objetivo, pode ser encarado como consequência de um ensino de História voltado para a construção da consciência histórica dos estudantes.

Voltando-se para o Currículo de Pernambuco (2020), cabe destacar que, para o ensino fundamental, é posto que

O processo de ensino-aprendizagem, na área das Ciências Humanas, deve ter como fio condutor a pesquisa. Esta deve estabelecer a conexão entre a teoria e a prática com o objetivo de estimular uma metodologia que envolva os anos iniciais e finais na busca da compreensão da vida em sociedade em seus aspectos históricos, geográficos, sociais, políticos, econômicos e culturais (Pernambuco, 2020, p.468)

Nesse viés, a aproximação do estudante com o ofício do historiador se mostra, mais uma vez, pertinente. Além disso, as competências específicas da área de ciências humanas - que, nesse caso, constituem-se da articulação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) -, ressaltam a necessidade de

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado à localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão. (Pernambuco, 2020, p.470)

Quanto ao Ensino Médio, cabe ainda destacar que o Currículo de Pernambuco importa da BNCC a seguinte habilidade para a disciplina de História:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e

de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais (Pernambuco, 2020, p. 262)

Todos esses documentos trazem, portanto, os seguintes aspectos em comum: os usos de múltiplas fontes históricas e a quebra com a tradição positivista no ensino de História, ao, intrinsecamente, pensar o ensino de História como um caminho para problematização de concepções cristalizadas.

As mudanças pelas quais passaram a historiografia e o Ensino de História respingaram, portanto, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e nas alterações curriculares. Quando estes documentos abordam as diferentes fontes, é abarcada, intrinsecamente, a poesia. Refletir especialmente sobre seus usos como fonte histórica para o Ensino de História se faz, porém, necessário. A literatura - e isso nos permite incluir a poesia - oferece ao historiador a possibilidade de investigar um momento histórico específico. Muito embora a narrativa literária não tenha comprometimento com a veracidade dos fatos, o sentido polissêmico da poesia e sua capacidade de potencializar a investigação da dimensão imaginária da sociedade de um período, a partir, por exemplo, das referências espaço-temporais implícitas - ou explícitas - nas linhas dos poetas, torna os usos dessa fonte extremamente interessante para o ensino de História.

Além disso, a poesia contribui para a desconstrução de perspectivas que relegam ao estudante o papel de mero espectador “do grande espetáculo histórico” e evidenciam os discursos e feitos dos “grandes poderosos”, com os quais os discentes não se identificam e nem se sentem representados. No sentido contrário, provoca a identificação do leitor com os personagens e possibilita a compreensão sobre diferentes identidades, memórias e temporalidades. Como ressalta Flávia Caimi (2006), considerar o universo do estudante não significa abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico. Significa, na verdade, fazer com que a aprendizagem seja sólida, repleta de sentido e significação.

Para Bittencourt (2018), os estudos de textos literários vão muito além do objetivo de desenvolver o “gosto pela leitura”, uma vez que objetiva também o fornecimento de bases para análises mais aprofundadas. Na vida escolar dos estudantes, a poesia, enquanto gênero literário, deve ser obrigatoriamente explorada pelas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura - quando se é ofertada também esta última - sendo comum o contato dos discentes, sobretudo, com a literatura brasileira. No próprio livro didático, é possível encontrar alguns recortes de poemas em algumas questões, capítulos ou seções de curiosidades.

Quando se trata da disciplina de História, o emprego da poesia como fonte histórica é respaldado pela BNCC, que preza pelo uso das diferentes linguagens e gêneros textuais

também na área das Ciências Humanas. A transformação desse material em recurso didático e pedagógico, porém, fica a cargo do docente que, não pode esquecer que “ao se fazer a análise de um documento transformado em material didático, deve-se levar em conta a articulação entre métodos do historiador e pedagógicos” (Bittencourt, 2018, p. 270). No mais, cabe ainda destacar que, para a análise histórica, os poemas portam uma cultura exposta que não deve ser ignorada, mas analisada a partir de elementos contextuais, como a época em que foram produzidos e o lugar social dos autores.

Nesse sentido, enxergar a poesia a partir desse prisma significa não só uma possibilidade de dinamizar o ensino de história, mas refletir sobre a produção do conhecimento histórico em múltiplos contextos. Levando também em consideração que ao ensino de História cabe um papel educativo, formativo, cultural e político, como bem coloca Fonseca (2010), se faz essencial localizar, na ciência histórica, questões, temas e problemas relevantes para a consciência histórica dos alunos, o que requer “diálogo crítico com diferentes sujeitos, lugares, saberes e práticas; entre a multiplicidade de culturas, etnias, sociedades” (Fonseca, 2010, p.6).

3. DIDÁTICA DA HISTÓRIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: UM OLHAR SOBRE A POESIA DE MIRÓ

Se até os anos 1960 a didática da história reforçava uma mentalidade estreita na qual o conhecimento histórico era gerado exclusivamente através dos discursos dos historiadores profissionais, como apontado por Jörn Rüsen (2006), a partir das décadas de 60 e 70 o conhecimento histórico deixa de ser legitimado pela sua própria existência e são revelados os laços de proximidade que a ciência histórica tem com outras ciências sociais. Para além de uma simples tradução e transposição do conteúdo acadêmico para a sala de aula, a educação histórica passou a se preocupar com critérios educacionais e extradisciplinares, culminando na nova teoria do currículo (Rusën, 2006).

Quando os horizontes da Didática da História foram, ao longo do tempo, expandidos, passou-se a não apenas se considerar os problemas do ensino e aprendizado de história no ambiente escolar, mas também a analisar todas as formas e funções do raciocínio e do conhecimento histórico na vida prática das pessoas. Nessa perspectiva, foram abertos novos caminhos para pesquisa e reflexão históricas, principalmente no Ensino de História. Diante desse prisma, busca-se analisar o olhar poético de Miró da Muribeca sobre o cotidiano do

Recife de meados da década de 1980 enquanto um lugar de produção do conhecimento histórico.

Para tanto, é essencial, em primeiro lugar, ter em vista a noção de consciência histórica. Embora esse seja um conceito plural, é pertinente destacar a perspectiva do alemão Jörn Rüsen e da húngara Agnes Heller. Para Rüsen, a consciência histórica é “um conjunto de operações mentais pelo qual os seres humanos orientam e interpretam sua experiência no tempo e no espaço, nas diversas circunstâncias da vida prática, em sociedade” (Bonete, 2014, p.2). Já para Heller (1993), esse conceito é um meio que torna possível aos indivíduos a busca de respostas às mais diferentes situações e problemas proporcionados pelo tempo e pelas experiências cotidianas. Embora não tenha uma única definição, em ambas perspectivas a consciência histórica é enraizada na historicidade inerente à vida prática das pessoas. Por isso, nos tempos hodiernos, entendemos que o conhecimento histórico não é restrito aos historiadores, mas sim, operado por todos os seres humanos e expresso de diferentes formas.

Assim sendo, tendo em vista a própria capacidade de condicionar o tempo presente, o passado sempre foi um lugar de disputa. Se outrora o objetivo principal do ensino de História era promover a formação de uma cidadania patriótica, hoje, coloca-se diante do desafio de trabalhar um conhecimento histórico que valorize as diversas identidades e a relação entre as perspectivas individuais dos estudantes com sua inserção social. Da mesma forma, também foi superada a ideia de que, na escola, eram simplificados e transmitidos os conhecimentos produzidos na academia. Embora o conhecimento histórico acadêmico seja uma das principais referências para o pensar historicamente da sociedade, essa não é a única forma.

Nessa esteira, a consciência histórica colabora com a percepção de diversos saberes históricos para além do acadêmico e escolar. Para Luís Fernando Cerri,

Se a consciência histórica existe, é preciso que ela seja captável por instrumentos de pesquisa, e essa captação deve ser possível em diversos lugares, com identidades sociais e fundamentos culturais diferentes (Cerri, 2011, p. 42).

Um desses diversos lugares, portanto, é a poesia marginal de Miró da Muribeca, que participava ativamente das discussões do seu tempo e refletia nas suas linhas a produção de um sentido histórico guiado pela reflexão individual e coletiva da sua realidade, uma vez que “produzir a identidade coletiva e, dentro dela uma consciência histórica específica e sintonizada com ela é um dado essencial a qualquer grupo humano que pretenda sua continuidade” (Cerri, 2011, p. 32).

Vejamos o poema “Clara solidão”:

Do mais alto prédio
 No mais triste tédio
 Na mais clara solidão
 Me encontro
 Abrindo portas com giletes
 Todos os pivetes do centro
 Sou eu multiplicado em mim mesmo
 Medo da polícia e de gente me olhando de lado
 De noite sem lua
 Frio sem amor
 Falta de tudo
 Que vocês chamam de sol
 (*Miró da Muribeca*)¹

A partir de uma prosa-poética profundamente urbana, Miró constrói um eu lírico que caminha entre sua identidade pessoal e a identidade coletiva da população marginalizada do Recife dos anos 80. Nos versos “Todos os pivetes do centro. / Sou eu multiplicado em mim mesmo.”, o eu lírico se identifica com os “pivetes” e rompe com qualquer noção de individualismo. Misturando lirismo com denúncia, Miró da Muribeca contrasta a grandeza com a exclusão: do mais alto prédio, era possível testemunhar a condição humana em sua face mais vulnerável, onde o medo da polícia – braço armado do Estado que pune os corpos marginais –, era um reflexo da exclusão e do sofrimento social em uma cidade que não aparece como um espaço de confluência, mas de segregação.

Nesse cenário, o espaço urbano se mostra violento, marcado pelo abandono. Se a polissemia intrínseca aos poemas nos permite interpretá-los a partir de diferentes perspectivas, é válido ainda refletir acerca da seguinte questão: por que, ou o que, supostamente levaria alguém que se encontra “No mais triste tédio. / Na mais clara solidão.”, ao “Mais alto prédio”?. Onde tédio e solidão se sobrepõem, a altura pode ser metafórica ou literal, podendo sugerir que esse alguém pode estar em sofrimento psíquico, à beira de um colapso, quem sabe, a ponto de pular. O fato é que, na verdade, não existe uma única interpretação possível, tampouco, uma certa ou errada. É extremamente importante, porém, que ao se debruçar sobre qualquer fonte, seja levado em conta o seu contexto.

É assim que se mostra o conhecimento histórico produzido por Miró: profundamente marcado pelo lugar social que vivia, observava e o ocupava. O cronista urbano parecia saber

¹ Miró até agora, 2018, p. 224.

que “não basta conhecer fatos e processos históricos; é preciso ter capacidade de interpretar o tempo e usar esse conhecimento para a própria vida, agindo em conformidade com os próprios princípios e objetivos” (Cerri, 2011, p. 123). Tendo em vista que a educação histórica escolar não deve se preocupar apenas com a formação de identidades, mas com a compreensão da diferença e da alteridade, na concepção dessas dimensões, o conhecimento histórico produzido por Miró é de grande importância.

4. FRAGMENTOS URBANOS DO RECIFE ENTRE AS LINHAS DO POETA E AS MANCHETES DE JORNAIS (1980-1985)

Diante de um sistema opressor que aos poucos se enfraquecia, o Recife, na década de 1980, foi berço do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), protagonizado por escritores que faziam da literatura um mecanismo de resistência e transgressão da ordem social repressora. Fugindo das amarras das grandes editoras, dos versos padronizados e da ideia de uma arte elitista, Miró da Muribeca lançava-se como poeta nas praças, calçadas e ruas do Recife vendendo a sua poesia a preços acessíveis. Desde que se consagrou poeta, passou a viver exclusivamente do dinheiro da sua arte. Em entrevista ao “Opinião Pernambuco”, em 2015, Miró afirmou que o sucesso das suas vendas se deve ao que o Dr. em Teoria Literária, André Telles do Rosário (2007), define como “corpoeticidade”: a indissociabilidade do corpo, da poesia e da cidade em uma literatura intensamente performática.

Embora a performance de Miró seja uma característica marcante da sua poesia, o foco do presente trabalho reside na análise da sua produção escrita, em paralelo com a imprensa tradicional que, em contraste com a epifania poética que marcava a capital pernambucana, veiculava, nos jornais tradicionais, informações que eram assistidas pelo poder estatal, haja vista a manutenção do cenário ditatorial, como trata Gabriel Góes do Amaral (2018). Apesar dos poetas marginais não ocuparem as páginas desses jornais, o olhar sem filtros de Miró da Muribeca tratava de temas comuns aos que neles circulavam. Aqui, busca-se estabelecer diálogos entre a poesia de resistência de Miró, a partir dos poemas “Clara solidão”, “Rua da palma” e “Quatro horas e um minuto”, e recortes dos jornais *Diário de Pernambuco* e *Diário da Manhã*, que circulavam no Recife na década de 80.

O mais antigo jornal em circulação na América Latina, o *Diário de Pernambuco*, foi fundado em 1825 e estampou, desde o Império aos dias atuais, diferentes tendências políticas e ideológicas. De 1964 a 1968, o jornal deu ampla cobertura aos governos militares. Já no fim

dos anos 1970, com o início do processo de distensão do regime ditatorial, os acontecimentos que giravam em torno desse processo foram amplamente divulgados, no entanto, a partir de uma postura apartidária, preocupada em não se comprometer com a discussão em torno da retomada da democracia, como colocam João Batista de Abreu Júnior e Marieta Ferreira (2009).

Pouco mais de um século depois do nascimento do *Diário de Pernambuco*, surge, em 1927, para compor a imprensa pernambucana, o *Diário da Manhã*. Para além da estética que chamava atenção, a sua postura, inicialmente oposicionista aos regimes oligárquicos da República Velha, não passou despercebida pelo *Diário de Pernambuco*, que acusou o rival de possuir uma “natureza revolucionária”. No início dos anos 1940, entretanto, seu perfil era bem diferente do seu projeto original e a partir de 1962, após um período fechado, voltou a circular de maneira totalmente nova: as edições eram espalhadas, estrategicamente, em placas nos postes de iluminação pública, permitindo a leitura gratuita (Brasil, 2022).

Não por acaso, foram escolhidas como fontes históricas recortes desses dois jornais. De um lado, um jornal amplamente consolidado no Recife, cuja presença da sua sede popularizou a alcunha de “Praça do Diário” à, oficialmente, Praça da Independência, localizada no Bairro de Santo Antônio e, do outro, um jornal considerado um marco na renovação da imprensa no Nordeste devido ao seu aspecto gráfico moderno. Apesar das diferenças, por ora estéticas, políticas ou ideológicas, ambos, no recorte temporal de 1980-1985, versavam sobre muitos temas em comum. Dentre eles, os aspectos sociais, econômicos e culturais que compunham a vida urbana na capital pernambucana.

Considerando o que diz José D’Assunção Barros,

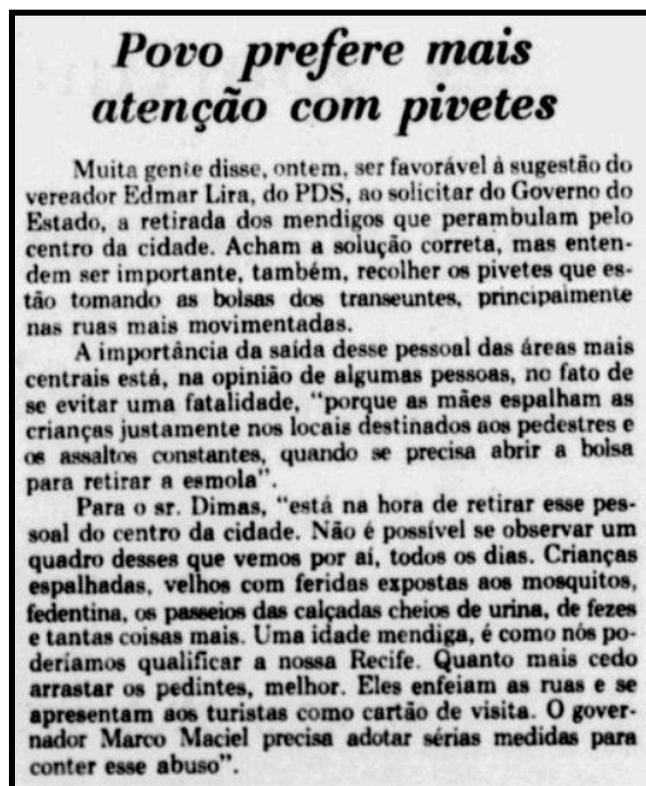
A informação transmitida pelos jornais mescla-se com a elaboração de um discurso, com a comunicação de valores e ideias, com os projetos de agir sobre a sociedade, com a necessidade de interagir com fatores políticos e econômicos. (Barros, 2021, p. 401)

Cabe, enfim, sem esquecer que os jornais exigem uma análise atenciosa, uma vez que, para além de objetos culturais, são produtos de empresas capitalistas e, portanto, mercadorias, visualizar, por meio dos “fragmentos urbanos” do Recife, padrões temáticos nas poesias do poeta pernambucano e nos recortes de jornais.

Em 29 de novembro de 1980, o *Diário de Pernambuco* estampava, sobre as cidades irmãs, Recife e Olinda, notícias acerca do “fenômeno da mendicância”. A primeira, cujo

título, “Mendigos não querem deixar as ruas centrais”², anunciava a maneira paradoxal pela qual a população mais vulnerável economicamente de Olinda era tratada. Ao mesmo tempo em que àqueles em situação de rua eram invisibilizados pelas políticas públicas, eram visíveis o suficiente para serem um problema na paisagem urbana da cidade. Nesse contexto, a presença incômoda dos corpos periféricos nas áreas centrais revelava mais do que desigualdades sociais, mas uma tensão existente entre a periferia e o centro, onde a beleza da cidade e seus monumentos históricos contrastavam com a realidade da população marginalizada.

No centro do Recife, como se pode perceber no recorte abaixo, a atmosfera social não era diferente. Na mesma página, por meio de um discurso que se apresenta como representante legítimo da vontade popular, o *Diário de Pernambuco*, a partir da ótica do entrevistado, “sr. Dimas”, generaliza a questão da população em situação de rua. Como alerta Barros (2021), para além de transmitir informações, os periódicos comunicam ideias, valores e representam certos campos de interesses. Neste recorte em específico, intitulado “Povo prefere mais atenção com pivetes”, o periódico busca transmitir o interesse do “povo”, mas a que povo ele se refere?



² Jornal *Diário de Pernambuco*, ano LVI, 1980, p.10.

Figura 1: recorte do Jornal *Diário de Pernambuco*, ano LVI, 1980, p.10 .

Delineando a paisagem social do Recife de 1980, o recorte em questão privilegia a narrativa da população mais abastada. Nesse fragmento, o povo que tem voz é aquele que se mostra incomodado com a presença de mendigos, pivetes e pedintes no centro da cidade. Nessa perspectiva, a presença visível da pobreza extrema não aparece como uma problemática social, mas unicamente como um problema estético e de segurança pública, pois “os pivetes tomam a bolsa dos transeuntes” e “enfeiam as ruas”. A preocupação do olhar dominante é, portanto, a higienização social das ruas, e não a busca por soluções que tratem das causas das disparidades sociais.

No poema “Rua da Palma”, Miró da Muribeca, já em 1985, lança outro olhar sobre a mesma realidade:

Nuas crianças em todas esquinas
 Na Rua da Palma várias meninas
 Na manhã o cansaço rodeia a vagina
 Voltando pra casa no mesmo ônibus
 De cadeiras acabadas

Dinheiro pro leite pede a mãe
 Sem enfeite procura na trouxa
 Uma roupa lavada para mais uma
 Noite de pé na calçada

Às vezes apanha, procura
 Gillete, mas não encontra nenhum
 Canivete, desce correndo
 Querendo um pivete

Mas não encontra ninguém
 Só um senhor, mas está tão longe
 Que jamais acreditou
 Como sempre é o jeito amargar
 Esta dor

Novamente em casa, coração
 Ferido, face marcada, a mãe já
 Não pede a maré está braba
 A luta agora será pelas casas

Pedindo leite para as crianças
 Esfomeadas, deixando bem claro
 Que amanhã ela paga, ficando
 De pé na mesma calçada

O tempo passou a ela como todas as
 Outras, não tinha mais nada
 Só um banquinho de madeira para
 Esperar sentadas
 Que as novas crianças tragam no
 Corpo da bolsa o sustento de casa
 (*Miró da Muribeca*)³

Na perspectiva de quem vê de perto o amargor da violência, miséria e fome nas áreas centrais da cidade, o poeta apresenta a rua como um espaço de sobrevivência no qual a presença das “nuas crianças em todas esquinas” reflete a infância roubada, a circularidade da miséria e a transformação cruel de corpos em mercadorias. É interessante perceber, além disso, que o termo “pivete”, que aparece no *Diário de Pernambuco* de maneira totalmente pejorativa, também é colocado por Miró, mas a partir de outra roupagem.

Enquanto no jornal os pivetes remetem às crianças e/ou adolescentes delinquentes, no poema, o que dá sentido ao termo é a face dolorosa do descaso com a população marginal. Nesse sentido, Miró caminha na contramão da imprensa tradicional, que enxerga as áreas centrais como “vitrines manchadas” que afastam os turistas, preocupação evidente do Sr. Dimas na matéria citada acima, e, por meio de uma poética de resistência, revela a ausência do Estado e a naturalização da violência diária.

Em 3 de setembro de 1981, o *Diário da Manhã* noticiava que a “Polícia “Desaparece” jovem”⁴, um caso de violência policial cometida contra um estudante residente do bairro de Boa Viagem, que foi alvejado por policiais quando, amedrontado pela abordagem truculenta, correu da guarnição. Caído no chão, foi colocado na viatura e, segundo a polícia, levado à delegacia. Desesperada com o desaparecimento do jovem, a família iniciou a sua procura, tendo que lidar com o descaso do delegado e dos promotores que minimizaram a gravidade do caso. No jornal, o termo “desaparece” é colocado entre aspas para anunciar o desfecho fatal da ocorrência: o desaparecimento do jovem foi obra da própria polícia, que o assassinou e tentou encobrir o crime.

³ Miró até agora, 2018, p. 228

⁴ Jornal *Diário da Manhã*, ano LV, 1981, p.6.

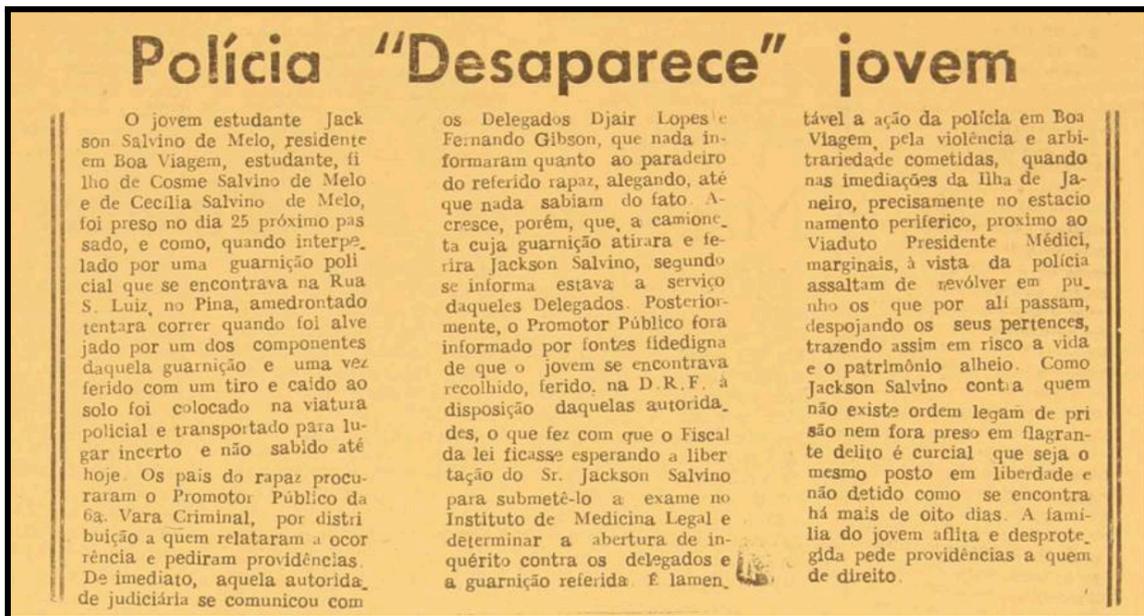


Figura 2: recorte do Jornal *Diário da Manhã*, ano LV, nº 11.177, 1981, p.6.

Diante desse episódio, o *Diário da Manhã* se posicionou lamentando a ação violenta e arbitrária da polícia. Em agosto do ano seguinte, circulava uma notícia que também aponta para os aspectos estruturais da atuação policial e do controle social no Recife que ainda se desfazia das amarras ditatoriais:



Figura 3: recorte o Jornal *Diário da Manhã*, ano LV, nº 11.456, 1982, p.6.

Mais um jovem se tornou vítima da banalidade da violência policial no espaço cotidiano da cidade. Assim como no primeiro caso, a impunidade policial garantiu o anonimato do agressor, que “desapareceu, tomando destino ignorado”. A vítima, no entanto, golpeada a socos e pontapés, foi socorrida no Hospital da Restauração. Percebe-se, a partir desses dois casos, a legitimação da violência em nome de uma ordem social que não encontra lugar para a população marginalizada.

Os versos de Miró denunciam, em 1985, a permanência desse cenário:

Quatro horas
 Quatro ônibus
 Levando vinte e quatro
 Pessoas
 Tristonhas e solitárias

Quatro horas e um minuto
 Acendi um cigarro
 E a cidade pegou fogo

Cinco horas
 Cinco soldados
 Espancando cinco pivetes
 Filhos sem pai e
 Órfãos de pão

Seis horas
 O Recife reza
 E eu voando pra
 Ver Maria
 (*Miró da Muribeca*)⁵

Antônio Paulo Rezende, quando escreveu sobre o Recife da década de 20, disse que

A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens. (Rezende, 1997, p. 16).

⁵ Miró até agora, 2018, p. 244.

Em “Quatro horas e um minuto”, o poeta marginal escreveu sobre os aspectos sensíveis que compõem a cidade, dentre eles a tristeza e a solidão dos usuários do transporte público e os “filhos sem pai” e “órfãos de pão”, em referência àqueles que sequer têm o que comer. Se na obra de Rezende a cidade é feita de sonhos e desejos, aos personagens que protagonizam os versos de Miró não cabe sonhar. Para além da insegurança alimentar, assim como nas manchetes de jornais, a violência policial é escancarada nos versos “Cinco horas / Cinco soldados / Espancando cinco pivetes”.

Ainda em 1985, os mesmos jornais publicaram as seguintes notícias:

***Chegou na pracinha
“o circo sem lona”***

* É realmente lamentável a situação em que se encontra a Praça da Independência - já conhecida nacionalmente como a pracinha do DIÁRIO. Transformou-se como num passe de mágica em um grande circo sem lona, onde as sessões contínuas mostram desde os comedores de fogo e vidros, passando pelo arame do equilibrista ao da gigantesca bicicleta, até os vendedores de ervas curandeiras, sem esquecer o número musical dos irmãos repentistas.

* O público que prestigia o espetáculo é nada mais nada menos do que aquele formado de prostitutas, engraxates, trombadinhas, malandros e um bom número de motoristas de táxis - que contribuem ainda mais para aumentar a sujeira da praça, lavando seus carros e espalhando os tapetes dos veículos na fonte, que antigamente era luminosa e servia como ponto de referência para os encontros de namorados e bate-papos de intelectuais.

* A pracinha suja e constantemente mal iluminada é sempre ponto de encontro dos desocupados e um bom lugar para os trombadinhas fazerem suas vítimas e é nela que a qualquer hora do dia as mulheres da vida ocupam seus pontos de “pegação” onde muitas vezes, por não serem procuradas, apelam grosseiramente para qualquer homem que ali transita.

* Nesta pracinha, também existe um banheiro sem porta, onde nunca é feito qualquer tipo de limpeza. Aliás a água do chafariz serve para os pedintes lavarem suas roupas que posteriormente são secadas no alambrado - de pau e arame - construído pela Prefeitura para evitar que se pise nos supostos jardins.

* De uma forma ou de outra a Pracinha do DIÁRIO é o coração do Recife, e deveria ser um dos lugares mais bem cuidados. Pois ali circula um bom número de turistas, além de ser lugar certo dos acontecimentos culturais, sociais e de manifestações políticas.

Figura 4: recorte do Jornal *Diário de Pernambuco*, ano LXI, nº101, 1985, p.3

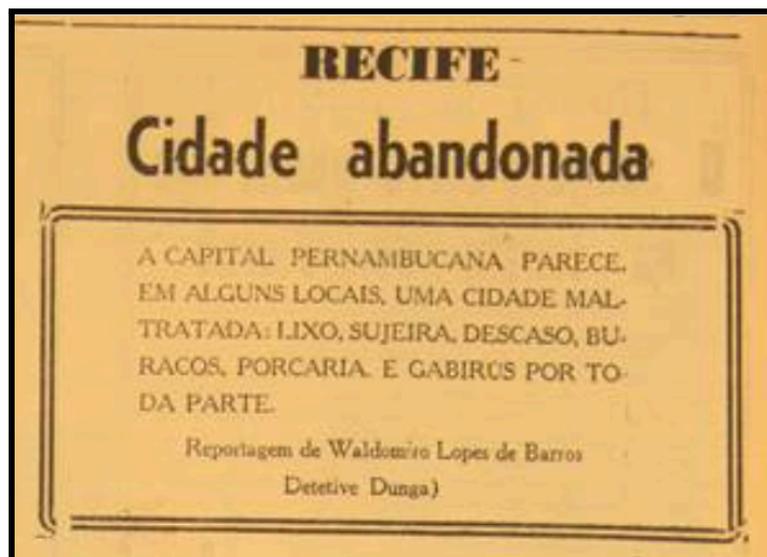


Figura 5: recorte do Jornal *Diário da Manhã*, ano LVII, nº12.191, 1985, p.5

O primeiro recorte, do *Diário de Pernambuco*, chama atenção para a Praça da Independência, mais conhecida como Praça do Diário, que, segundo a notícia, deixou de ser um ponto de encontro de namorados e “bate-papos intelectuais”, para dar lugar a presença de, dentre outros personagens, prostitutas, trombadinhas e malandros, protagonistas do “circo sem lona” que o jornal ironiza. O abandono em que se encontra a cidade do Recife estampa também as páginas do *Diário da Manhã*, que na matéria acima evidencia a sujeira e a consequente infestação de gabiru pelas ruas.

É extremamente importante perceber, no entanto, que embora a imprensa denunciasse os casos de violência, abandono e descaso nos centros urbanos, a preocupação central levantada por meio dos jornais era o bem-estar social daqueles que, por diversos motivos, rejeitavam a convivência com os grupos sociais mais vulneráveis. Nesse sentido, é visível a falta de políticas públicas de urbanização, segurança e assistência social, da mesma forma que a voz da população mais prejudicada por esses problemas é quase inexistente nos jornais tradicionais.

Ao contrário da imprensa tradicional, que, na busca de representar a opinião pública, acreditava que o Recife deveria ser bem cuidado por conta da circulação de “um bom número de turistas”⁶, na obra de Miró, por outro lado, a cidade e os personagens que nela vivem, são representados a partir de um olhar sensível, mas não romantizado, de quem enxergava “o coração ferido, face marcada” da mãe que pede leite para as crianças e no outro dia se encontra na mesma calçada, repetindo a cena, porque ainda vive em situação de miséria.⁷

⁶ Jornal *Diário de Pernambuco*, ano LXI, nº101, 1995, p.3

⁷ Miró até agora, 2018, p. 228.

Nesse prisma, o poeta marginal enxergava, nas vivências periféricas, fragmentos que formam a memória coletiva de uma cidade desigual.

Portanto, é extremamente importante e, sobretudo, enriquecedor, considerar a poesia marginal como uma fonte histórica. Embora não caiba aqui pontuar como utilizar suas poesias e os recortes de jornais em sala de aula, é pertinente ressaltar, novamente, que a articulação dessas fontes, além de mobilizar diferentes linguagens no ensino de História, como estabelece a BNCC, colabora com desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de interpretação dos estudantes, ao mesmo tempo em que reforça a desconstrução da ideia de uma história única, como bem alerta Chimamanda Ngozi (2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Recife no qual Miró lançava o seu olhar, revela as raízes históricas de problemas que persistem: mais de 40 anos depois, a cidade ainda é palco de diversos problemas. Hoje, o esvaziamento do Centro é motivo de tristeza para comerciantes, que lutam para não fechar as portas em meio à insegurança e abandono, e para aqueles que costumavam circular pelas ruas. Em entrevista ao *Jornal do Commercio* (2021), o professor de História da Universidade Federal de Pernambuco, Severino Vicente, aponta que a saída das pessoas da região resulta do abandono do poder público no local.

Na década de 1980, o Recife, que estampava as manchetes como “cidade abandonada”, já era marcado pelo descaso. Os abismos sociais, a violência policial cotidiana, que passava impune, e a prostituição de corpos infantis, revelam o alheamento do poder público diante dos problemas urbanos. Por meio de uma imprensa que denuncia, mas também naturaliza silêncios, foi possível perceber que esses problemas eram expostos de modo a culpabilizar a população marginalizada, que não era vista como vítima desse cenário, mas sim como a causa de muitos incômodos.

Ademais, a partir da Análise de Conteúdo, na perspectiva de Bardin (1977), identificou-se a padrões temáticos e discursivos tanto na poesia quanto nas reportagens. Entretanto, embora os recortes de jornais e as poesias versassem acerca dos mesmos assuntos e, algumas vezes, utilizassem os mesmos termos, apresentavam perspectivas distintas, uma vez que a poesia marginal de Miró evidenciava aspectos que não cabiam nos relatórios oficiais. Nomeando o que a imprensa disfarçava e humanizando quem a redação desumaniza, Miró da Muribeca via nas ruas, ônibus, becos e calçadas, cenários de luta daqueles que eram invisibilizados.

Finalmente, tendo em vista as mudanças pelas quais passou o conceito de fonte histórica e o campo da pesquisa em Ensino de História, cabe ressaltar que os usos da poesia e de recortes de jornais em sala de aula podem trazer importantes contribuições, sendo, inclusive, amparados pela Base Nacional Comum Curricular. Além disso, na perspectiva da Didática da História, é possível afirmar que a produção do conhecimento histórico está para além das fronteiras da sala de aula. Assim sendo, a prosa-poética de Miró constitui um importante lugar de produção desses saberes.

6. REFERÊNCIAS

Fontes

ALBERTO, João. Chegou na pracinha o “circo sem lona”. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 de mai. de 1985. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_16/88867. Acesso em 2 de mar. de 2025.

MENDIGOS não querem deixar ruas centrais. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 de mar. de 1984. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_16/18471. Acesso em 6 mar. de 2025.

MIRÓ (pseudo). SILVA, João Flávio Cordeiro da. Quem descobriu o azul anil?. In: RAMOS, Sennor. (Org.). **Miró até agora**. 2. ed. Recife: CEPE, 2018, p. 222-254.

POLÍCIA “Desaparece” jovem. **Diário da Manhã**, Recife, 3 de set. de 1981. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093262_07/5596. Acesso em 6 de mar. de 2025.

POLICIAL espanca um popular no ônibus. **Diário da Manhã**, Recife, 11 de ago. de 1982. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093262_07/8524. Acesso em 6 de mar. de 2025.

RECIFE cidade abandonada. **Diário da Manhã**, Recife, 14 de mar. de 1985. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/093262_07/16730. Acesso em 2 de mar. de 2025.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMARAL, Gabriel Góes do. **A literatura fronteira de Miró da Muribeca: Poesia Marginal, da periferia para o centro**. Recife, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/51718/1/TCC_Gabriel_G%c3%b3es_do_Amaral.pdf. Acesso em: 2 nov. 2024.

AMOROSO, Mauro. As cidades pelos olhos de Clio: História e historiografia urbana: Entrevista com Josianne Cerasoli, Regina Oliveira e Viviane Ceballos. **Paranoá**, [S. l.], v. 15,

n. 33, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/46320>. Acesso em: 1 mar. 2025.

ARAÚJO, Édson Augusto Leôncio de. **NAS TRAMAS DO URBANO: historiografia das cidades modernas no estudo da história da cidade de Limoeiro-Pernambuco (1880-1930)**. Anais XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954667_ARQUIVO_EDSONDEARAUJO-ARTIGOANPUH2013.pdf. Acesso em 1 mar. 2025.

BARBOSA, M. de M. M. Um periférico no centro: uma leitura da cidade de Recife na obra de Miró. **Encontros de Vista**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 81–86, 2021. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4705>. Acesso em: 2 mar. 2025.

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/21683>. Acesso em: 2 mar. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas - uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, vol. 52, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691/7504>. Acesso em 1 mar. 2025.

BRASIL, Bruno. **Diário da Manhã: poderoso ou modesto, um empreendimento familiar**. [S.l.]: BN Digital, [s.d.]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-bn-diario-da-manha-poderoso-ou-modesto-um-empreendimento-familiar/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

BITTENCOURT, Circe. **Documentos não escritos na sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2018. p.284-308.

BITTENCOURT, Circe. **Usos didáticos de documentos**. In: BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2018. p.265-283.

BONETE, Wilian Junior. Notas sobre o conceito de consciência histórica e narrativa em Jörn Rüsen e Agnes Heller. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 7, n. 14, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/2944>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 1988.

CABAÑAS, Teresa. A poesia marginal Brasileira: uma experiência da diferença. **Artifara**. n. 5, p. 31-50, 2005. Disponível em: <https://ojs.unito.it/index.php/artifara/article/view/4989/4543>. Acesso em: 8 nov. 2024.

C. B. FISCHER VIEIRA, R. L. Performance e resistência em tempos de crise na poética de Miró da Muribeca: um esboço. **SOCIOPOÉTICA**, [S. l.], v. 1, n. 24, p. 70–80, 2022. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/1660>. Acesso em: 5 mar. 2025.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Editora FGV, 2010.

Currículo de Pernambuco: ensino fundamental. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife: Secretaria, 2020.

Currículo de Pernambuco: ensino médio. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife: Secretaria, 2020.

ESVAZIAMENTO do Centro do Recife deixa área histórica à beira do abandono. *Jornal do Commercio*, Recife, 11 abr. 2021. Disponível em: <https://jc.uol.com.br/pernambuco/2021/04/12048967-esvaziamento-do-centro-do-recife-deixa-area-historica-a-beira-do-abandono.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FONSECA, Selva Guimarães. A História na Educação Básica: conteúdos, abordagens e metodologias. In: **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil)**. I Seminário Nacional do Currículo em Movimento, 1., 1 dez. 2010, Brasília. Anais... Brasília: MEC, 2010. p.1-11. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/.../3-4-historia-educacao-basica-selva/file>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GOMES, Tissinane Emanuella Albuquerque, PEREIRA, Auricélia Lopes. **Diálogo entre literatura e história: o poema enquanto fonte histórica no ensino de história**. Anais IV ENID/UEPB. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10176>. Acesso em: 24 out. 2024.

JESUS DE LIMA, W. M. Poesia marginal: leitura, produção textual e contexto histórico. **Encontros de Vista**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 32–41, 2021. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4711>. Acesso em: 24 out. 2024.

LEE, Peter. Por que aprender História?. **Educar em Revista**, p. 19-42, 2011.

MONTEIRO, Charles. Entre história urbana e história da cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 101–112, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/oficinadohistoriador/article/view/11835>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MOURA, Alex de Oliveira. **A linguagem poética no Ensino de História: a História como potencial poesia**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 88. 2020. Disponível em: <https://www.unirio.br/profhistoria/producao-academica/dissertacoes/2020/a-linguagem-poetic-a-no-ensino-de-historia-a-historia-como-potencial-poesia/view>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MOTA, Urariano. **Miró da Muribeca, poeta querido e rebelde do Recife**. Vermelho, 5 ago. 2022. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/coluna/miro-da-muribeca-poeta-querido-e-rebelde-do-recife/>. Acesso em 11 ago. 2025.

O uso da poesia no Ensino de História do Brasil: uma proposta. ANPUH-Brasil. 30º Simpósio Nacional de História. Recife, 2019.

RÜSEN, Jörn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão.** Práxis Educativa (Brasil), v. 1, n. 2, p. 7-16, 2006.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora.; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs). **Jorn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da História.** Curitiba: W.A. Editores, 2016.

SOUZA, Jefferson Moura de; FONSECA, Aleilton Santana da. **Poesia alternativa além das palavras em Miró de Muribeca. A verdade da paisagem sem massagem.** Universidade Estadual de Feira de Santana. 2017.

SOUZA, Juliana Teixeira.; OLIVEIRA, Margarida Dias de (Orgs). **O que se ensina e se aprende em história: a historiografia didática em debate**, volume 1. Ananindeua: Cabana, 2022.

TELLES DO ROSÁRIO, André; MÁRCIO TENÓRIO VIEIRA, Anco. **Corpoeticidade: Poeta Miró e sua literatura performática.** 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

TV UNIVERSITÁRIA DE PERNAMBUCO. **Opinião Pernambuco - 20/03/2015 (Poetas Marginais do Recife).** [S.l.]: YouTube, 20 mar. 2015. Disponível em: https://youtu.be/jxxb5kzm_RQ?si=XePdWzyesNdeMWrn. Acesso em: 11 jul. 2025.